



# NOVAS PROPOSTAS NORTE-AMERICANAS PARA REDUÇÕES DE ARMAS

David Emery

*O autor é Vice-Diretor da Agência Norte-Americana para Controle de Armas e Desarmamento. O artigo que se segue trata das contrapropostas soviéticas para a redução das armas e da resposta pelos EUA. Foi adaptado de um recente pronunciamento de Emery perante a Primeira Comissão das Nações Unidas.*

O controle dos armamentos deve ser parte de um esquema e de uma política mais amplos — política mais ampla para deter a agressão e promover uma adesão maior aos princípios dos direitos humanos e das liberdades fundamentais. A rivalidade entre Leste e Oeste não é resultado de personalidades; de meros mal-entendidos, da construção de armamentos, ou de competição econômica. A rivalidade resulta de fundamentais diferenças morais e políticas que se refletem em diferenças ao longo de uma ampla gama de problemas internacionais, regionais, de direitos, de defesa, e outros. As armas são o sintoma dessa luta, não sua causa. As armas não trazem a guerra. O que a trazem são atos agressivos e políticas agressivas.

É claro que os EUA reconhecem a necessidade de reduzir de

maneira estável, radicalmente, os atuais arsenais nucleares. Precisamos fazer o máximo, sem demora, para eliminar a grave ameaça que as armas nucleares apresentam. É por causa dessa ameaça que o Presidente Reagan tem declarado repetidamente, durante o curso das negociações nucleares bilaterais EUA-União Soviética, em 1982 e 1983, e nas atuais conversações em Genebra.

— Que não há meta mais importante do que a eliminação da ameaça do conflito nuclear, em parte por intermédio de uma autêntica redução de armas;

— Que para chegar a um acordo estavam dispostos a chegar até um marco extra com a União Soviética;

— E que concederam aos negociadores norte-americanos uma flexibilidade sem precedente, na ten-



tativa de diminuir as diferenças entre ambos os lados.

À luz desse argumento, após a reunião com o Ministro das Relações Exteriores da União Soviética, Shevardnadze, em Setembro, o Presidente Reagan recebeu de bom grado as propostas para substanciais reduções de armas, apresentadas pelos EUA em Genebra.

Permitam-me referir-me à contraproposta soviética — que não haja erro — ela é unilateral. Há partes simplesmente inaceitáveis: por exemplo, a insistência soviética em contar mísseis norte-americanos de médio alcance e aeronaves com sistemas estratégicos, ao mesmo tempo em que cerca de 2.000 de suas próprias aeronaves e mísseis comparáveis (inclusive todos os SS-202), além de quase 300 bombardeiros de revide, não seriam reduzidos.

A União Soviética está plenamente consciente de que sua posição para incluir em sua redefinição de "estratégico" os chamados "sistemas de base avançada" foi rejeitada por quase todos os Governos dos EUA desde início dos anos 70, por causa do efeito negativo que exerceria sobre nossa capacidade de contribuir para a defesa de nossos aliados.

Igualmente inaceitável é a exigência soviética de compensação pelos sistemas inglês e francês em uma negociação bilateral.

Há outros aspectos desfavoráveis, na posição soviética. Consideradas as grandes e não-restritas defesas soviéticas contra a força de bombardeio de retaliação dos EUA, não podemos aceitar qual-

quer limite direto para o número de bombas de gravidade ou para os mísseis de ataque de curto alcance transportados em bombardeiros pesados. Da mesma forma, a insistência soviética em proscrever a pesquisa de defesa estratégica permitida pelo tratado ABM, o que impediria nossa capacidade de determinar se podemos estabelecer no futuro uma relação estratégica baseada em sistemas defensivos não-ameaçadores que não matam ninguém, não é aceitável para os EUA.

Por outro lado, segundo afirmou o Presidente, a contraproposta soviética contém sementes positivas que devem ser alimentadas. Em particular, foi um passo positivo a aceitação soviética do conceito de profundas reduções em forças ofensivas estratégicas; foi algo que nos esforçamos por encorajar desde 1977. Nós, portanto, decidimos construir sobre isso, envidando outro esforço para estabelecer uma base comum para a negociação, aproximando-nos tanto dos princípios básicos de passadas propostas norte-americanas que continuam sobre a mesa — quanto nos elementos positivos da contraproposta soviética.

Moldamos o novo pacote de modo a conseguir profundas reduções, ao mesmo tempo em que mantínhamos nosso válido ponto focal na necessidade de reduzir os mais desestabilizadores sistemas de armas — sistemas que contam com a maior velocidade, que são os mais potentes, mas que, ainda assim, estão se tornando sempre mais vulneráveis e que, uma vez



lançados não podem ser recuperados. Os mísseis balísticos, e os ICBMS, especialmente, apresentam essas características capazes de proporcionar uma capacidade de, em uma crise, desfechar o primeiro ataque. A eliminação dessas armas aumentará imensamente a estabilidade, e reduzirá significativamente o risco da guerra nuclear. Temos que ir além do velho enfoque de reduzir apenas os sistemas anacrônicos; e, em vez disso, dar prioridade a reduções dos sistemas que aumentam o risco da guerra nuclear.

As propostas dos EUA são de âmbito geral, e incluem novos elementos nas três áreas de negociação: armas estratégicas, forças nucleares de alcance intermediário, e defesa e espaço.

Na medida em que nos aproximamos da reunião de Genebra, a discussão pública a seu respeito vai-se tornando sempre mais intensa.

É de se esperar, e geralmente produz uma das grandes consequências das sociedades abertas — a compreensão pública. Gostaria de descrever a linha geral das novas propostas dos EUA.

Nas negociações sobre reduções de armas estratégicas, nossa nova proposta tem como base o princípio de reduções de 50%, contido na recente contraproposta soviética. Introduzimos os seguintes elementos:

— Reduções de 50% em ogivas de míssil balístico, para um limite igual de 4.500;

— Reduções para um limite igual de 3.000 no número de ogi-

vas transportadas por mísseis balísticos intercontinentais norte-americanos e soviéticos — um meio termo entre o limite de 2.500 anteriormente proposto pelos EUA e o limite de 3.600 contido na contraproposta soviética, e

— Uma redução de 50% no total máximo de peso de lançamento de cada um dos lados.

Dependendo da aceitação soviética para essas disposições, os EUA aceitariam um limite igual de 1.500 para o número de mísseis Cruise de lançamento aéreo (ALCMS) transportados em bombardeiros pesados norte-americanos e soviéticos — uma redução de 50% dos níveis planejados dos EUA — e uma sensível redução no número permissível de ALCMS, anteriormente proposto pelos EUA.

Isso resultaria em um total de ogivas de míssil balístico, mais ALCMS, igual a 6.000 (segundo a contraproposta soviética).

Os EUA, além do mais:

— Aceitariam reduções para um limite igual no número de mísseis balísticos estratégicos norte-americanos e soviéticos (ICBMS e SLBMS) de 1.250 a 1.450 em ambos os lados (uma redução de 40-50% dos atuais níveis soviéticos determinados pelo tratado SALT);

— Aceitariam um limite igual de 350 bombardeiros pesados em cada lado (uma redução de percentual similar nos níveis norte-americanos determinados pelo tratado SALT).

Na área das restrições qualitativas propomos duas proscições de



modernização. Primeiro, proscreveríamos a modernização de mísseis balísticos estratégicos pesados, e seu número permaneceria como é atualmente. Isso significa a restrição da força soviética de SS-18. Esses mísseis, particularmente, podem destruir por si sós e efetivamente toda a força norte-americana de mísseis baseados em terra. Segundo, considerada a crescente dificuldade para verificar os números e o 'status' de ICMBS móveis e determinar com certeza que qualquer tipo de ICBM móvel transporta apenas uma ogiva, propomos uma proscrição a todos esses sistemas. As reduções feitas durante a modernização de suas forças pelos dois lados seriam levadas a termo de acordo com uma fórmula de diminuição que saliente sistemas estabilizadores, de preferência a sistemas desestabilizadores.

Nas negociações sobre forças nucleares de alcance intermediário as anteriores propostas norte-americanas continuam sobre a mesa, e continuaremos em busca da total eliminação global de toda a classe de mísseis LRING baseados em terra. Não há razão no mundo que justifique a necessidade de a União Soviética ou os EUA utilizarem essas armas. Devemos ter a vontade política de eliminá-las inteiramente. O mundo não estaria assim substancialmente seguro?

Enquanto não atingimos essa válida meta, como um passo provisório potencial, os EUA apresentaram novas propostas INF. Especificamente:

— Os EUA estariam dispostos a limitar, em fins de 1985, o atual nível de instalação do LRINF norte-americano na Europa (140 Pershing II e mísseis Cruise de lançamento terrestre) em troca da concordância, pela União Soviética, em reduzir para esse mesmo número os lançadores SS-20 posicionados na Europa. Isso serve para elaborar sobre a idéia soviética de deter as instalações de INF na Europa.

— Os EUA teriam a liberdade de combinar lançadores de míssil Cruise de disparo terrestre e Pershing II dentro desse limite geral; mas a combinação exata, que resultaria em igual nível de ogivas nesses mísseis e em mísseis SS-20 na Europa, seria tema de discussão. Os EUA se reservariam o direito de realocar dentro da Europa seus mísseis remanescentes, caso assim fosse decidido pelos EUA e seus aliados.

— A União Soviética deveria reduzir o número de lançadores SS-20 na Ásia, fora do alcance da Europa, em proporções para a redução de lançadores SS-20 dentro do alcance da Europa.

— Finalmente, o resultado final limitaria ambos os lados a um número igual global de ogivas de míssil LRINF.

Também seriam adequadamente reduzidos os mísseis de alcance mais curto. Os EUA se reservariam o direito de igualar os mísseis INF soviéticos de alcance mais curto na Europa e em base global; por exemplo, pela instalação de versões de alcance mais curto do míssil Pershing II.



Também no grupo de negociações sobre defesa e espaço, os EUA apresentaram novas idéias. Estamos propondo à União Soviética que ambos os lados explorem mais uma possível transição cooperativa para uma confiança maior em sistemas defensivos. Os EUA também estão propondo que as partes se unam em uma iniciativa de "laboratórios abertos" com relação à pesquisa de defesa estratégica. Sob uma iniciativa dessa natureza, as partes forneceriam uma à outra relatos regulares sobre os respectivos programas de defesa estratégica, e também dariam a oportunidade de visitas às instalações e aos laboratórios de pesquisa associada. Consideramos essa iniciativa um exemplo do tipo de esforço cooperativo conjunto que visa a assegurar uma transição estável para uma confiança maior em defesas, no futuro. Ao mesmo tempo, deixamos claro, para os soviéticos, que os EUA estão empenhados na busca de seu programa de defesa estratégica; que seu programa é permitido pelo tratado ABM e que os EUA o desenvolverão em total observância desse tratado e de todas as demais obrigações internacionais.

Os EUA continuam a salientar para os soviéticos a vital natureza das relacionadas questões de verificações e observância dos acordos existentes, e sua relação com o progresso visando a futuros acordos. Está claro que as violações dos acordos existentes solapam a confiança no processo do controle de armas.

São esses os principais elementos de nossas novas propostas. O que os EUA esperam conseguir, ao elaborar essas novas propostas? Durante três anos vimos propondo cortes de cerca de metade nos mísseis balísticos estratégicos dos EUA e da União Soviética, e cortes de aproximadamente um terço nas ogivas desses mísseis. Durante quatro anos propusemos a eliminação de toda a classe de mísseis INF de alcance mais longo baseados em terra, inclusive o Pershing II norte-americano, o míssil Cruise de lançamento terrestre e o SS-20 e SS-4 soviéticos. Recebemos de bom grado o fato de que a União Soviética, finalmente, tenha respondido às nossas propostas.

Em resposta à contra-oferta soviética, tentamos agora apresentar uma proposta que engloba o novo empenho soviético para reduções mais profundas, e que estrutura essas reduções, e as forças resultantes, a fim de acomodar de maneira justa e estabilizadora as estruturas de força de ambos os lados. Nossas propostas reduções correspondem às sugestões soviéticas, e incluem: As reduções de 50% no mais importante armamento estratégico. As novas propostas dos EUA constituem mais uma demonstração de nosso sério empenho em alcançar reais e duradouras reduções de armamentos, e de nossa disposição a atingir mais um marco na busca de áreas de terreno comum e avenidas de progresso na assistência à prevenção da guerra.